

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

El pensamiento de Ortega y Gasset a la altura
de nuestro tiempo

The Thought of Ortega y Gasset in Our Time

*Jefferson Martins Cassiano**

Resumo

O presente artigo pretende abordar o modo pelo qual a crítica de Jose Ortega y Gasset, expressa na obra *A rebelião das massas*, tem repercussão no contexto atual das novas tecnologias. Através desta análise do pensamento de Ortega y Gasset, propõe-se uma nova perspectiva pela qual se revele a insurreição do homem-massa também como efeito da rebelião das novas tecnologias. As novas tecnologias instalam novas circunstâncias que implicam ao homem um novo modo de bem-estar-no-mundo, constatando sua ambivalência imposta na cultura atual. Nesse sentido, as concepções sobre a técnica analisadas pelo filósofo espanhol confrontam a condição radical do homem no quefazer de sua vida e o desenvolvimento do tecnicismo autômato e sua legitimação pela eficácia técnica. Para tanto, observa-se como temas propostos na obra *A rebelião das massas*, sobretudo o homem da ciência, estão conectados nas meditações orteguianas, destacando a constante preocupação do autor com os perigos que ameaçam nosso tempo. Trata-se, portanto, de investigar o sentido da crise da razão em sua relação com o homem-massa, a técnica e a cultura, e interpretar o modo como o pensamento de Ortega y Gasset pode ser reconstituído à altura de nosso tempo.

Palavras chave: Crise da razão, homem-massa, razão vital, técnica.

Recibido: Enero 2014 • Aceptado: Febrero 2014

* Graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Brasil. E-mail: jeffmarcas@hotmail.com * Em agradecimento a Simone Cassiano pelo apoio incondicional depositado nesse trabalho.

Resumen

Este artículo pretende abordar la manera en que las críticas de José Ortega y Gasset, expresada en la obra *La rebelión de las masas*, tiene repercusiones en el contexto actual de las nuevas tecnologías. A través de este análisis del pensamiento de Ortega y Gasset, se propone una nueva perspectiva en la que demuestra la insurrección del hombre-masa también según el efecto de la rebelión de las nuevas tecnologías. Las nuevas tecnologías se instalan nuevas circunstancias que implican a un hombre un nuevo modo de bien-estar-en-el-mundo, destacando su ambivalencia impuesta a la cultura actual. En este sentido, las concepciones acerca de la técnica analizada por el filósofo español se enfrentan a la condición radical del hombre en quehacer de su vida y el desarrollo de la tecnicismo autómatas y su legitimación por la eficiencia técnica. Para esto se observa como los temas propuestos en la obra *La rebelión de las masas*, especialmente el hombre de ciencia, están conectados en las meditaciones orteguianas, destacando la continua preocupación del autor con los peligros que amenazan a nuestro tiempo. Por tanto, es investigar el sentido de crisis de la razón en su relación con el hombre-masa, la tecnología y la cultura, y la forma de interpretar el pensamiento de Ortega y Gasset puede reconstituirse a la altura de nuestro tiempo.

Palabras clave: Crisis de la razón, hombre-masa, razón vital, técnica.

Abstract

This article approaches the way that criticisms made by José Ortega y Gasset in his work *The Rebellion of the Masses (La rebelión de las masas)* have repercussions in the current context of new technologies. Through this analysis of the thought of Ortega y Gasset, a new perspective is proposed that demonstrates the insurrection of the ordinary man also according to the effect of the rebellion of new technologies. New technologies establish new circumstances that imply for a man a new way of being well in the world, highlighting his ambivalence imposed on current culture. In this sense, the concepts about technology analyzed by the Spanish philosopher confront the radical condition of man in his daily life and the development of automated technicality and its legitimation by technical efficiency. The study indicates how the themes proposed in the work, *The Rebellion of the Masses*, especially that of the man of science, are connected in the Ortegaian meditations emphasizing the author's continual concern for the dangers that threaten our time. Therefore, the meaning of the crisis of reason in its relation to ordinary man, technology and culture can be investigated, and the way of interpreting the thought of Ortega y Gasset, can be reconstituted according to the conditions of our time.

Keywords: Crisis of reason, ordinary man, reason from life's viewpoint, technology.

O tema abordado neste artigo faz referência a algumas das mais relevantes questões sobre as implicações da técnica na formação do homem atual. Para tanto, avalia ser necessário uma análise sobre a crise da cultura ocidental, para que seja possível formular quais as condições e conseqüências que o uso da técnica adquire para o homem de nosso tempo. Embora o homem atual esteja diante de sua própria crise, em tom de nostalgia, a sente como tantas outras. Não obstante, também se admira como uma visão ilimitada que a técnica produz. Mas qual seria a atual relação que possui com a técnica?

Antropologia hermenêutica através do sentido da crise da razão

Em sua principal obra, *A rebelião das massas*, de 1930, o filósofo espanhol Jose Ortega y Gasset (1883-1955) aborda de modo renovador a compreensão acerca do homem de seu tempo. Em seu estudo, o autor constata o processo de *modernização* apreendido entre o final do século XIX e o início do século XX, período em que houve substancial aumento das possibilidades vitais. Para ele: “toda vida é achar-se dentro da ‘circunstância’ ou do mundo. Porque este é o sentido originário da ideia de ‘mundo’. Mundo é o conjunto de nossas possibilidades vitais” (Ortega Y Gasset 1987, p.61)¹.

Na perspectiva orteguiana, a análise do crescimento vital relaciona-se com o fenômeno da rebelião das massas. Tal fenômeno deriva de um processo histórico inerente à concepção que o homem possui de mundo ou circunstância. A rebelião das massas contrasta com o momento histórico no qual uma civilização sente a plenitude de seu tempo, goza de uma satisfação de bem-estar e segurança. No entanto, é interessante observar que a investigação de Ortega sobre o fenômeno das massas se desenvolve desde aspectos histórico-culturais até a identificação de certos perfis psicológicos do comportamento social (JAGUARIBE: 1982, p. 22-23).

A princípio, o primeiro contato oferecido por Ortega é basicamente quantitativo, revelando que o aumento das possibilidades vitais engendrou um mundo repleto de *cheios*, fato que se verifica no avanço da massa sobre a minoria. A distinção fundamental desse exame se presta a passagem do caráter sócio-histórico do fenômeno de massificação para uma abordagem antropológica da estrutura comportamental do homem-massa, especialmente identificado no *homem da ciência*.

1 A ideia de “circunstância”, “mundo” e “natureza” são expressões recorrentes e fundamentais para o pensamento orteguiano que podem assumir concepções muito próximas, razão pela qual exigem um estudo mais detalhado do que podemos apresentar nesse momento, sendo explicitado caso a caso na medida em que for exigida sua explicação. Cf. ORTEGA y GASSET, J. (1973), A estrutura do “nosso” mundo, em: *O homem e a gente*. Rio de Janeiro, Livro Ibero-Americano, p. 95-108; (1989), *Em torno a Galileu*, Petrópolis, Vozes, p. 91.

Fundamentado na gênese histórica do crescimento vital, Ortega discrimina o aspecto multitudinário entre massa e minoria, segundo o qual

Minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é um conjunto de pessoas não especialmente qualificadas. Portanto, não se deve entender por massas, nem apenas, nem principalmente, “as massas operárias”. Massa é o homem médio (Ortega y Gasset 1987, p. 37).

O caráter antropológico ainda se expressa pela assertiva de Ortega de que “a divisão da sociedade em massas e minorias excepcionais não é, portanto, uma divisão em classes sociais, e sim em classes de homens, e não pode coincidir com a hierarquia decorrente de classes superiores e inferiores” (Ortega y Gasset: 1987, p. 39). Desse modo, o autor revela que os conceitos *massa* e *minoria* não se definem nem se detêm em um antagonismo entre forças divididas e opostas; ao invés, incidem especificamente na constituição própria do caráter do homem e transpassa todas as classes sociais.

Assim, a despeito da posição ocupada ou entendida no ambiente social, o homem-massa permeia todos os níveis, pois representa uma estirpe de homem que não se esforça para qualificar a si mesmo, que não atribuiu a si um valor especial, mas ao contrário vive num *sentir-se como toda a gente* (Ortega y Gasset 1973, p. 206-07). Como proposta inicial da análise desse perfil, assume-se que o homem-massa se sente confortável em viver a par da plenitude dos tempos, em estar sempre em um estado de mediocridade, ao passo que a minoria representa o homem que acumula esforços, dificuldades e deveres para transformar a si mesmo e sua circunstância, isto é, seu mundo.

Sendo resultado de um processo de mudança histórica, a rebelião das massas constitui um período de crise histórica, pois sendo a “mesma coisa que o crescimento fabuloso que a vida experimentou em nosso tempo. Mas o reverso do mesmo fenômeno é tremendo [...] a rebelião das massas é a mesma coisa que a desmoralização radical da humanidade” (Ortega y Gasset 1987, p.139). Por isso, Ortega revela que

Crise histórica é um conceito, melhor, uma categoria da história, portanto, uma forma fundamental que pode adotar a estrutura humana. Mas os conceitos que definem essa estrutura da vida humana são muitos, por serem muitas as dimensões daquela. Convém, pois, precisar a qual dessas dimensões se refere concretamente o conceito de crise (Ortega y Gasset 1989, p. 91).

Nessa perspectiva, ao identificar a crise histórica com a rebelião das massas, Ortega elege o *homem da ciência* o seu protótipo (Ortega y Gasset 1987, p. 122), que apoiado na produção industrial e na tecnologia da experimentação científica promove o terrorismo dos laboratórios (Ortega y Gasset 1971, p.34-35), manifestação mais poderosa, e, portanto, violenta, do imperialismo técnico-científico.

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

Tal terrorismo foi causa da fissão entre a ciência e a vida, que na perspectiva de Ortega cria uma nova condição, na qual o homem

Se sente fabulosamente capaz de realizar, mas não sabe o que realizar. Domina todas as coisas, mas não é dono de si mesmo. Sente-se perdido em sua própria abundância. Mesmo tendo mais meios, mais saber, mais técnicas do que nunca, o mundo atual acaba indo como o mais infeliz que possa ter havido: simplesmente à deriva (Ortega y Gasset 1987, p. 64).

Orientado pelos princípios da técnica, o homem cria um novo cenário, no qual o fabuloso desempenho da produção industrial e da tecnologia da ciência experimental se contrapõe drasticamente com o sentido e a finalidade que representam para a cultura e a vida do homem. No entanto, o que está em crise é a relação do saber técnico-científico com as ideias que tem o homem enquanto projeto de vida segundo o qual está orientado. A crise, portanto, não está na cientificidade, mas no sentido da própria ciência e da técnica que repercutem em uma queda mais ampla chamada *crise da razão*, quer dizer, o final do século XIX demarca a fratura do mundo referente à ciência e à técnica em seu sentido e finalidade para a existência humana.

Embora dito que a rebelião das massas seja um processo histórico, Ortega identifica o *novo* do fenômeno, o ponto fundamental da crise que ainda reverbera na contemporaneidade. Assim, ele o diz: “aparece pela primeira vez na Europa um tipo de homem que *não quer dar razão nem quer ter razão*, mas que, simplesmente, mostra-se decidido a impor suas opiniões. Aqui está o novo: o direito a não ter razão, a razão da sem razão” (Ortega y Gasset 1987, p. 89). O *homem da ciência*, e por extensão o homem-massa em geral, embora seja capacitado para dominar uma enormidade de aparelhos tecnológicos, acaba por ignorar a origem dos próprios princípios da cultura, isto é, suas possibilidades vitais, pois a civilização, que é sinônimo de esforço, se tornou uma quase-natureza, de modo que “o novo homem deseja o automóvel e desfruta dele, mas crê que é fruto espontâneo de uma árvore do Éden” (Ortega y Gasset 1987, p.96). Convencionado entre a abundância tecnológica e a falta de uma convicção fundamental que o oriente, o homem-massa arrisca, na catástrofe da razão, a própria técnica:

A técnica só poderá sobreviver um pouco, enquanto durar a inercia do impulso cultural que a criou. Vive-se com a técnica, mas não da técnica. Esta não vive de si mesma, não é *causa sui*, mais sim um precipitado útil, prático, de preocupações superfluas, inúteis (Ortega y Gasset 1987, p.97).

Nosso tempo: A rebelião das novas tecnologias

Através desta análise do pensamento de Ortega, propõe-se uma nova perspectiva pela qual se revele a insurreição do homem-massa também como efeito da *rebelião das novas tecnologias*. Nesse sentido, para Molinuevo, a atitude de Ortega

pode ser resumida em três estágios distintos, caracterizados como *navegações*. Segundo as indicações dadas por Molinuevo, a primeira navegação seria a própria técnica, que na concepção de Ortega “é o contrário da adaptação do sujeito ao meio, dado que é a adaptação do meio ao sujeito” (Ortega y Gasset 2009, p. 33).

Tal consideração conduz o filósofo a aferir o que ele denomina de *ensimesmamento e alteração*. Por ensimesmamento, o autor reconhece “o poder que o homem tem, de retirar-se, virtual e provisoriamente, do mundo, e recolher-se dentro de si, ou, dito [...] que o homem pode *ensimesmar-se*” (Ortega y Gasset 1973, p.57). O ensimesmamento se efetiva no processo pelo qual o homem planeja toda a ação futura, antecipando o inexistente. Em contrapartida, alteração corresponde ao comportamento determinadamente condicionado à adaptação ao mundo; portanto, sugere o procedimento reativo contra a natureza, o que exige plasticidade corretiva acerca das necessidades. Sendo o homem o único ser a se dedicar à técnica, e diga-se cada vez menos, a práxis humana conduz à transformação do mundo primário e original em função de um método que envolve invenção e execução da finalidade da ação humana, o bem-estar (Ortega y Gasset 1987, p.62).

A segunda navegação designada por Molinuevo (2004) diz respeito à criação das tecnologias, isto é, melhora do desempenho dos impulsos de força do homem e domínio dos efeitos mecânicos desenvolvidos para utilizar a potência natural. Nas meditações de Ortega sobre a técnica (2009), a criação tecnológica é atribuída aos *atos técnicos*, que visam assegurar a satisfação e segurança, reduzir o esforço e produzir objetos extranaturais. Contudo, a reforma dos atos técnicos constitui uma atividade em que por um lado o homem determina uma circunstância e pelo outro cria um programa de vida.

A técnica não aparece apenas como a criação e transformação da natureza, mas também atua nos estados cognitivos que o homem realiza ao ter que projetar sua ação no mundo. Compete ao homem, portanto, agir por si mesmo, que no próprio termo empregado por Ortega, se define como *autofabricação*, ou, dito de outro modo, *homo faber*: “a técnica, portanto, é criação, *creatio*. Não uma *creatio ex nihilo* – do nada – mas sim, pelo contrário, uma *creatio ex aliquo*” (Ortega y Gasset 2009, p.95).

A terceira navegação mencionada faz referência à vida na cultura das novas tecnologias, ponto que exige um aprofundamento, dito em acepção orteguiana, à técnica do técnico. Para Ortega, este estágio é resultante da evolução da consciência histórica que o homem manteve acerca de si em relação com sua técnica. Como averigua o autor, chega ao nosso tempo um tipo de homem que julga a si mesmo como *técnico*; este é o *homem da ciência*, que tomado pelo terrorismo dos laboratórios, interpreta a vida como uma grandiosa engenharia, e, não obstante, a técnica como uma ortopedia para a natureza. Aduz Ortega que “o mundo da técnica é, portanto, um gigantesco aparelho ortopédico que vocês, os técnicos, querem criar, e toda a técnica tem esta maravilhosa e (...) dramática tendência e qualidade de ser uma fabulosa e grande ortopedia” (Ortega y Gasset 2009, p.104).

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

Nesse sentido, uma terceira navegação indicada a partir do tecnicismo da técnica de Ortega apresenta as civilizações do século XX como *novas circunstâncias*, criadoras de novas necessidades, linguagens e objetos artificiais, ou seja, como mundo predominantemente tecnológico. A esse respeito, Echeverría diz que “nos circundan diversas modalidades de sobrenaturalidade que suscitam en nosotros necesidades cada vez más artificiales” (Echeverría 2000, p.20).

Esta afirmativa ainda ocasiona uma prerrogativa, a saber, de que o mundo tecnológico parece ser cada vez mais indispensável ao mesmo tempo em que contraria a razoabilidade do bom-senso. Esta é uma nova condição, visto que “la técnica es constitutiva del hombre, hoy en día podemos afirmar que la tecnología es constitutiva de la sociedad, no un simples instrumento para satisfacer necesidades sociales y personales” (Echeverría 2000, p.21). Esta é a razão pela qual, para compreender esta situação de nosso tempo, faz-se necessário analisar as interações entre o homem-massa, a técnica e a cultura.

Para tanto, é preciso observar que a tecnologia é fundamentalmente distinta da técnica. Enquanto a técnica pertence ao programa existencial para uma vida autêntica do homem, a tecnologia é um instrumento científico de realização, isto é, uma das atividades que correspondem ao modo do homem bem-estar-no-mundo, sendo, portanto, manifestação da radicalidade do homem-técnico. Para Mitcham (2000), o desenvolvimento de uma terceira fase, aqui aludida à navegação, surge quando o pensamento analítico que esteve historicamente associado à ciência moderna se converte na presença histórica da técnica do técnico, o que corresponde à elaboração consciente do tecnicismo.

O tecnicismo marca a desarticulação da função praxiológica da técnica, não somente por separar o inventor do executor, mas principalmente por incluir nos modelos autômatos a capacidade de uma autoprogramação e retroalimentação na qual a gestão humana simplesmente desaparece (Ortega y Gasset 2009, p.82). Logo, o tecnicismo pode ser entendido como o estudo sistemático e metódico para geração de meios técnicos possíveis que, uma vez liberados de qualquer uso e criação a partir de experiências vividas, ocasiona o que Ortega identifica como *crise dos desejos*, isto é, a falta de uma invenção pré-técnica, um desejo genuíno do perfil do homem que se quer ser. Por esse motivo, a tecnologia impera sobre a técnica, não tendo outra forma de manifestação senão pela insurreição do homem-massa. Dizer acerca da cultura tecnológica implica aceitar que o homem recebe antecipadamente programas existenciais sem que jamais houvesse profundamente desejado, uma enorme aparelhagem artificial que a cultura tecnológica é capaz de ofertar.

A decorrência do aperfeiçoamento tecnológico que o homem atual imprime ao meio equivale a dizer que ele se encontra circunscrito em uma criação artificial que lhe é *naturalizada*, o que revela o fato da constante possibilidade de reação humana contra as novas circunstâncias, em vez da resignação ou adaptação a elas, acabando por conflitar as próprias possibilidades técnicas em relação ao meio tecnológico. Nesse caso, se acentua o fato de que as novas circunstâncias já

não pertençam à natureza, mas a um modo cultural que atrai o homem a creditar seu programa existencial à atuação de modificar tecnicamente cada vez mais e de maneira mais diversa sua própria realidade. As novas tecnologias não se limitam à produção de artefatos para atuar sobre a natureza, mas sua novidade consiste no homem capacitado a produzir sinteticamente o mesmo que a natureza produz dotado da mesma função natural; essa naturalização do artificial faz com que, por consequente, a diferença entre os artefatos técnicos e os entes naturais desapareça, ou seja, a técnica produz artificialmente entes naturais².

Fica observado que em nenhum outro momento da história da humanidade houve tamanha disponibilidade para a acomodação e o bem-estar do homem, tanto que as novas tecnologias não permitem qualquer comparação. Ainda há de ser dito que a cultura tecnológica parece não conhecer outra via senão a da *lógica do bem-estar*. Isso significa afirmar que as novas tecnologias produzem um mundo incessantemente refeito como se jamais criado pelo homem.

Nesse sentido, a técnica contemporânea e a cultura tecnológica se confrontam numa relação entre a legitimidade e a eficácia da técnica. Kujawski oferece uma importante constatação a respeito da eficácia técnica: “a eficácia fez-se sinônimo de eficiência técnica e científica; em última instância, em eficiência técnica, já que esta, desde Galileu, é a medida da ciência. A legitimação pela eficácia unilateralizou-se, hoje, em legitimação pela técnica” (Kujawski 1988, p.143).

Para Quintanilla (2000), o critério de eficácia propõe a transformação da realidade de forma *eficiente*, sendo, portanto, uma ação efetiva, a qual se torna irredutível a outros critérios (econômicos, políticos, científicos, jurídicos, morais ou estéticos). Uma das causas para essa situação diz respeito ao fato da eficácia não se subordinar a nenhuma condição científica, uma vez que não atende aos critérios de verdade, falsidade e muito menos de justiça; o que se considera é a contribuição que ela pode prestar para a eficiência do sistema.

A eficácia se torna a tal ponto o empreendimento, não só materiais, como científicos, jurídicos, culturais, políticos (...), de modo que a modernidade não demora a criar certa forma de legitimação: a legitimidade pela eficácia. Algo é eficaz, produz bons resultados a baixo custo? Pois então é legítimo, impõe-se por si mesmo e não há o que se discutir sobre sua adoção (Kujawski 1988, p.139).

O agravante apresentado segue ao encontro de questões cruciais para a subsistência da vida humana atualmente. De que outro modo poderia se legitimar o uso da tecnologia nuclear como fonte de energia senão por sua eficiência, mesmo conhecendo os riscos que o seu impacto provoca ao meio-ambiente (que não é

2 Cf. CONILL, Jesus. (1991), *El enigma del animal fantástico*. Tecnos, España. p. 224.

menos ameaçador do que a proliferação atômica!)? A resposta pode ser encontrada na observação da tecnocracia, na qual “o princípio responsável pela tecnocracia reside na própria técnica, na medida em que esta se expande não segundo fins fixados pelo homem, mas em obediência à dialética inscrita na sua própria imanência, a dialética dos meios” (Kujawski 1988, p.139).

Esta verificação revela que a lógica do bem-estar inscreve a legitimidade no sistema tecnológico, o que inibe sua saída da dialética dos meios. Uma vez vinculada ao fluxo de mudança constante desse circuito, a legitimidade não consegue se fixar em nenhum ponto e não pode aprofundar-se, ou mesmo fundar-se; e devido à superficialidade da eficiência tecnológica, vale tanto quanto esta, isto é, perda de eficiência corresponde à perda de legitimidade. Esse modo endógeno de criar a si mesma sua legitimidade, faz da tecnocracia a maior ameaça à própria técnica, visto que os meios de atuações técnicas vão se sobrepondo e se programando pelas próprias leis internas, constituindo uma ordem independente das relações humanas. Logo, “a tecnologia se transforma em tecnocracia, que não consiste no poder pessoal do técnico e sim no poder impessoal da técnica” (Kujawski 1988, p.144).

Entende-se que o autor descreve o ponto fundamental e paradoxal apontado por Ortega, a saber: a legitimidade pela eficácia técnica efetivada no poder impessoal da técnica é a manifestação concreta da vida inautêntica, que tolhe a liberdade criativa do homem, pois enquanto lógica do bem-estar e dialética dos meios, a técnica passa a dominar enquanto seu dever é efetivar, se apresentando como fim enquanto é meio, de modo que a finalidade fica ilegítima.

Esta conjectura apresentada não se afasta das considerações feitas por Ortega acerca da rebelião das massas, que agora parece reproduzida na cultural mundial, uma vez que as novas tecnologias representam um fator comum no fenômeno conhecido como *globalização*. Esse cenário no qual navegam os resquícios do melhor e do pior das civilizações, sintoma da insurreição das massas, denomina-se como uma condição *pós-moderna*. Segundo a versão de Lyotard (1979), pode ser visto no declínio das metanarrativas efeitos do progresso das técnicas e das tecnologias que deslocam a importância da ação para os meios em detrimento aos fins. A legitimidade passa então a prestar contas aos jogos de linguagens estruturados na relação *input/output*, com o objetivo de aumentar a eficácia do sistema. Assim ele o diz:

Aqui intervêm as técnicas. Elas são inicialmente próteses dos órgãos ou de sistemas fisiológicos humanos que têm a função de receber dados ou de agir sobre o contexto. Elas obedecem a um princípio, o da otimização das *performances*: aumento de *output* (informações ou modificações obtidas), diminuição do *input* (energia gasta) para os obter. Trata-se de jogos [de linguagem] cuja pertinência não é nem verdadeiro, nem o justo, nem o belo, etc., mas o eficiente: um “ato” técnico é “bom” quando realiza melhor e/ou quando gasta menos que o outro (Lyotard 1979, p.87).

Essa transformação cultural dita pós-moderna pode ser entendida como a aceitação de uma crise iniciada na modernidade, ao invés de sua ruptura, enquanto crise cultural da humanidade. Um exame feito por Amaral explicita esta questão: “porque se há crise, (...) nisso que se costuma chamar de Modernidade, é justamente a que deriva da experiência oitocentista, que o século XIX explicitou, da *perda dos fundamentos*” (Amaral 1992, p. 59-60). Na condição das novas tecnologias, o homem se sente historicamente desenraizado, fora do alcance da tradição, efetivamente sem fundamento, pois embora a ciência e a técnica lhe confirmem enormes possibilidades, não sabe a que se ater. Parece ser nesse sentido que Giacoia relaciona a perspectiva do fim do fundamento metafísico com o movimento sucessor reconhecido como pós-moderno; pois para o autor

É neles [pós-modernos] que reverbera a crise dos fundamentos, o desaparecimento das ‘narrativas mestres’, o declínio das referências identitárias herdadas, como a nação, o Estado, o predomínio do fragmentário em todas as esferas da cultura, enfim a escalada irreversível do niilismo (Giacoia 2007, p.40).

Nesse caso, observa-se que a postura pós-moderna sugere uma fratura histórica ao supor o abandono dos fundamentos metafísicos que, com caráter quase-soteriológicos, lançaram a ciência e a técnica como meios de emancipação humana ao projeto de transformação do mundo. O anseio metafísico já não basta para legitimar as novas tecnologias, uma vez que seus fundamentos não resistem ao sistema *input/output* da radicalização da eficácia. Pela interpretação dada por Giacoia, o pós-moderno chega a ser a própria consumação da catástrofe da razão como a perda dos fundamentos metafísicos, que pelo uso do conceito *lógica da decadência* expressa a crise histórica que tem no niilismo o seu resultado. Lógica da decadência significa, portanto, a catástrofe das categorias fundamentais da razão – finalidade, totalidade e ser verdadeiro – expostas à corrosão niilista.

Aqui advém o ingresso das novas tecnologias; engendram um crescimento brutal dos poderes do homem agora como objeto de suas próprias técnicas. Destacadas da crise da ciência do final do século XIX, as novas tecnologias instalam um novo paradigma que não se atém a um conjunto de procedimentos que respondem ao conhecimento de leis científicas, mas denotam uma nova circunstância que implica ao homem um novo modo de bem-estar-no-mundo (Russ 1999, p.16-18). Elas contribuem para a catástrofe da razão ao passo que permitem serem assimiladas às duas ordens lógicas apresentadas, a do bem-estar e da decadência.

O niilismo apreendido como um evento histórico de dissolução da realidade que assina o tema de nosso tempo recebe um tratamento tecnológico se levado em conta o caráter da produção do artificial e sua constante reformulação, sendo uma extranatureza humana. Nesse sentido, Molinuevo (2004) presta uma importante contribuição ao observar que o mundo tecnológico praticamente já não reconhece a natureza do humano, o que equivale a dizer que o progresso das técni-

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

cas adentrou ao gênero humano. Tal desenvolvimento tecnológico deixa o processo inconstante, justamente pelo seu próprio sistema *input/output*, que se refaz constantemente em busca da otimização da *performance*. Diante dessa forma de niilismo tecnológico, a legitimação pela eficácia triunfa, pois para Molinuevo, “porque se trata de un nihilismo activo, en el que la fase de destrucción es el reverso de la construcción” (Molinuevo 2004, p.131).

A ordem parece se inverter agora, pois o niilismo tecnológico mostra que o mundo não mais progride, porém se degrada pela atividade tecnológica, na qual até o mais ínfimo e íntimo recanto da vida humana passa a ser desintegrado pela técnica científica. Enfim, o pós-moderno consagra no niilismo tecnológico um tempo de *automatismo*, no qual a crise da razão bem se acomoda na condição do sistema pós-moderno em nome da eficácia.

Se recuperada a análise de Ortega acerca da assinatura histórica de nosso tempo, parece ser plausível relacionar os aspectos antropológicos da rebelião da massa com os aspectos hermenêuticos do sentido de crise em face de uma perspectiva que considere a catástrofe da razão. Dessa relação resulta um modo de agir que reflete seu conteúdo no homem-massa. O problema do esforço poupado pelas novas tecnologias confirma o caráter do homem-massa, que embora apareça em tempos de crescimento vital, sua principal característica não é ser multitudinário, mas *inerte*³. Já à minoria se predica uma qualificação dedicada capaz de um esforço espontâneo.

O homem-massa se faz repulsivo ao esforço da transformação técnica, mas é conveniente com a cultura das novas tecnologias, o que ainda implica algo mais fundamental que pode ser extraído do pensamento de Ortega, a saber: não é o desejo ou ter como todo mundo que move o homem-massa, pois isso ainda insinuaria a possibilidade de um programa pré-técnico, mas a impressão de que verdadeiramente todos possuem os mesmos limites que o seu. Em vista do pensamento de Ortega, a novidade do fenômeno das massas aqui se manifesta na forma de duas lógicas remetem a um tipo de homem que espera viver *sem razão*; nesse sentido, as novas tecnologias criam um sistema que reduz a técnica à função de intervencionismo eficaz.

Todas estas considerações são fatos de vida inautêntica. Na medida em que a *vida* do sistema sobrepuja a vida humana, fica exposta a vulnerabilidade do homem em conquistar sua autenticidade no momento em passa a viver programado pelas novas tecnologias, e, estas, não cessam de reformar a si mesmas. As novas tecnologias não só adestram o comportamento humano frente às necessidades

3 Cf. “A maior parte do tempo se comportam precisamente como ‘massa’, (...). Não são boas condutoras do político, nem boas condutoras do social, nem boas condutoras do sentido em geral. Tudo as atravessa, tudo as magnetiza, mas nelas se dilui sem deixar traços. E na realidade o apelo às massas sempre ficou sem resposta (...). Elas são a inércia, a força da inércia, a força do neutro” (BAUDRILLARD: 1985, p.04).

que produzem, como também condicionam o empobrecimento do sentido e da finalidade da ação humana como sinal de legitimação da eficácia e da melhor efetividade do sistema eficiente. Nesse sentido, a cultura tecnológica se sustenta por e para a *vida* do sistema.

O sentimento de crise que envolve nosso tempo tem proveniência do próprio sistema, atrelado ao preceito de realidade provisória, sendo seu agravante maior o desprendimento de esforço para gerar resultados a baixo custo. Para uma antropologia filosófica que interprete a catástrofe da razão, convém dizer que comparando estas evidências com o pensamento de Ortega, percebe-se que homem-massa se caracteriza por uma tendência à perda do sentido da vida, seguindo à deriva, naufragando na abundância que a cultura tecnológica produz, e, assumindo o posto de função do sistema, espera que este crie soluções para suprir seu bem-estar cultural, pois desprovido de qualquer comprometimento, pensa que a crise que vive não é sua de fato, somente mais uma entre tantas outras.

Nesse momento é mister reconhecer a dificuldade para situar a razão entre a lógica do bem-estar e a lógica da decadência. O homem possui a ciência, que lhe é imprescindível, e a técnica, que lhe é tão útil; domina meios cada vez mais eficazes de produzir o imaginado cada vez mais depressa e com maior frequência, para poder viver em conforto e segurança pelo resto da vida, enquanto esta durar. Em contrapartida, é o mundo que perde sua durabilidade, a realidade se desmancha numa febril competição pelo aperfeiçoamento do provisório, pois tudo parece ser precário. Isso só aumenta a sensação de um distanciamento irreversível com a vida que, realmente, se experimenta agora e que logo desaparecerá. Cresce o vazio. Por isso, em nosso tempo se instala, em tom de crise, uma tecnocracia, o triunfo dos meios sobre os fins:

Perdemos os padrões de pensamento e ação da modernidade e ainda não encontramos seus substitutos equivalentes para estabilizar e organizar efetivamente a nossa vida. Este interregno, este hiato abissal entre o mundo que perdemos e o mundo que ainda não ganhamos, é, precisamente, o lugar no qual se instaura a chamada crise do século XX, que se identifica, como se vê, com a crise da modernidade (Kujawski 1988, p.28).

Tal retrato expressa bem a caricatura do *homem da ciência* orteguiano, que espera fazer da produção científica um modo de conduta social. Entretanto, Ortega apresenta um duplo imperativo: um cultural e outro vital. O cultural diz que a vida deve atender ao bem-estar. Já o vital diz que este bem-estar deve ser algo vivido pelo humano. Em suas palavras: “la vida debe ser culta, pero la cultura tiene que ser vital” (Ortega y Gasset 1956, p.44).

Razão vital: a técnica das técnicas

À medida que a questão do tecnicismo se desenvolve, percebe-se, através do pensamento de Ortega, a desapropriação do paradigma humanista vigente ao

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

longo dos tempos, pois assim que o avanço do sistema tecnocrático penetra nas relações humanas, o homem é deslocado do centro da história e da cultura. Para Molinuevo (2000), como as novas tecnologias se tornaram a ocupação do espaço e do tempo do mundo contemporâneo, aos seus olhos, a inserção feita por Ortega da técnica como um projeto vital significa a situação de uma circunstância fundamental: “nuevas tecnologías: la realidad como posibilidad (...) vincula la técnica con el ser inacabado humano, de modo que esta ‘sobrenaturaleza’ de objetos artificiales es la otra cara de la circunstancia” (Molinuevo 2000, p.08). As novas tecnologias, entendidas como a criação de uma nova realidade para homem, também se apresentam como ampliação da dimensão da realidade do humano na medida em que dilata as possibilidades da existência da própria humanidade.

Em tempo, se recupera a intuição fundamental e máxima do pensamento de Ortega: “eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não me salvo a mim” (Ortega y Gasset 1967, p.52). Assim, entende-se que a elaboração de um humanismo assimilado em Ortega, parte da concepção da radicalidade *vida humana* como *realidade possível*, o que ainda implica dizer que é a partir das possibilidades reais que o homem deve se lançar à humanidade. A circunstância é tudo o que rodeia, o meio que contorna, a ação que circunscreve o homem enquanto natureza, ao mesmo tempo em que possibilita sua reabsorção pelo homem a partir da interpretação, interação e integração da circunstância ao seu projeto existencial de vida, isto é, ao desejo pré-técnico de querer tornar-se o que se deseja ser. Ortega esclarece que:

Exprimo isto com a categoria “circunstância”. A vida se encontra sempre em certas circunstâncias, numa disposição em torno – *circum* – das coisas e das demais pessoas. Não se vive em um mundo vago, já que o mundo vital é constitutivamente circunstância, é este mundo, aqui, agora. E circunstância é alguma coisa determinada, fechada, mas ao mesmo tempo aberta e com largueza interior, com vão ou concavidade onde mover-se, onde decidir-se: (...) toda vida se decide a si mesma constantemente entre várias possíveis (Ortega y Gasset 1971, p.184).

Através dessa nova perspectiva que se clarifica, Ortega propõe o afastamento tanto do relativismo quanto do determinismo. Para o autor, o que há de relativo é a realidade, na mesma medida em que o que há de determinante para vida humana é haver possibilidades. Visto desse modo, manifesta a vida humana fundamentalmente como *a realidade possível*. Esta concepção reforça a posição de Molinuevo (2004), para o qual o homem deve ser entendido como um *ser de limite*, o que implica consentir que ele encontra em cada circunstância as convicções necessárias para orientar-se na vida, definindo o que são apenas por aquilo que encontra em sua vida. Com isso, convém dizer que o pensamento de Ortega permite conceber que *o limite da circunstância não constitui um homem limitado*.

Para o pensador madrileno, a expressão da vida humana é um *quefazer*, pois embora a vida humana possa ser dada, ela ainda precisa ser feita; viver é tratar com o mundo, ocupar-se com ele, dirigir e atuar nele. Assim define o autor:

Daí que a nossa vida seja pura tarefa e inexorável quefazer. A vida de cada um de nós é algo que não nos é dado feito, presenteado, mas sim algo que há que fazer. A vida da muito quefazer; mas além disso não é senão esse quefazer que dá a cada um, e um quefazer, repito, não é uma coisa, e sim algo activo, num sentido que transcende todos os demais (Ortega y Gasset 2009, p.51).

A vida humana enquanto um *quefazer* não resulta em um fazer qualquer, mas realça precisamente o que deve ser feito, o que implica salvação da circunstância. Ortega relaciona, dessa maneira, o fazer algo com o querer algo, visto que seja a técnica o meio de criação e execução, o autor restaura junto ao querer o desejo pré-técnico da realização. A princípio, a natureza do homem é ser extranatural, e a técnica constitui o esforço do homem em construir para habitar a fim de poder vir a ser, vir a realizar seu programa vital; portanto *é a técnica que humaniza o homem*.

Assim, diz Ortega que “sem habitar [o homem] não chega a ser. Por esta causa esforça-se nisso e produz edifícios, caminhos, pontes e utensílios” (Ortega y Gasset 2009, p.133). Contudo, o crescimento das potencialidades vitais obtido pelo desenvolvimento extranatural excitou pseudo-desejos. Na medida em que o desejo original de inventar se atenua diante do domínio do tecnicismo da técnica, o homem diminui o esforço de *autofabricação de si* em detrimento das tendências sociais que nutrem a inércia cultural. Por isso, ainda que as necessidades humanas tenham referências no bem-estar, a atividade humana não se confunde com o *quefazer*, pois embora todos os objetos e coisas atuem o mundo, somente o homem pode querer fazer seu mundo, ou seja, *humanizar-se em cultura*.

De sorte que, o homem, para querer fazer algo precisa saber o que fazer, estar orientado para sua circunstância. Sendo a práxis humana responsável pela formação cultural do homem, é nesse sentido que se busca compreender que a cultura é para o homem um espaço e um tempo de vontade de convívio relativo à segurança e ao bem-estar; porém as meditações de Ortega permitem que se pense a cultura como a soma das possibilidades não do homem, mas do humanismo. Encontra-se em seu pensamento o esforço para alinhar a percepção interpretativa da vida com o sentido conceitual da razão. Como visto, a catástrofe da razão decantou no niilismo tecnológico; nele o homem é aniquilado tão rapidamente quanto degrada a natureza a sua volta. Eis um fato que compete ser consentido com o pensador espanhol quando se diz que mesmo em face das novas tecnologias, falta ao homem justamente... *a técnica!*

Por esse motivo, o homem não pode renunciar a técnica, pois faz parte de sua condição histórica, e como tal não se encontra definida, mas sim deve ser fei-

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

ta, um *quefazer*. Logo, o *quefazer* possui uma razão histórica, o que exige do homem um saber-fazer, práxis humana⁴.

A vida é um *quefazer* que só adquire sentido ante à razão histórica. Por isso, Ortega expõe de forma categórica: “o homem não tem natureza, senão que... tem história” (Ortega y Gasset 1982, p.82). Portanto, ao se investigar acerca da técnica, se percebe ela como característica própria da razão vital manifestada na história humana. A razão vital completa a convicção pela qual o homem se orienta à finalidade que se destina. É por meio dela que a técnica tem restituída o seu sentido no âmbito da vida humana. Essa relação permite ao homem se orientar a partir de sua história pessoal, íntima, única. *A razão vital é a técnica das técnicas.*

Considerações finais

Em face dos desafios que acontecem na vida humana, como os que as novas tecnologias despertam, encontra-se em Ortega a proposta do reencontro do homem com sua circunstância. Nisso cabe dizer que a vida humana é sempre *disjuntiva*, cada qual vive exclusivamente a sua. O homem-massa é justamente o oposto a esse conceito, pois quer viver como *todo mundo*, como toda *a gente*; e ainda uma vez assumido como *homem da ciência*, elege a produção industrial e a tecnologia da experimentação científica como forma de comportamento social.

A razão vital somente corresponde à vida humana, de modo que a razão, para Ortega, constitui o órgão vital da *autofabricação de si*. Por isso, a constatada catástrofe da razão manifesta em sua crise a ameaça pertinente à existência humana, pois a tecnocracia promove a dissolução cultural da vida humana, visto que nela se instala o homem-massa, modelo de vida em contradição, conveniente à lógica do bem-estar tanto quanto à lógica da decadência. O tema de nosso tempo é enfrentar a crise em uma época em que a realidade se esvazia de sentido.

A rapidez e frequência com que as novas tecnologias movimentam o mundo, degradando à medida que constroem, retira da realidade sua importância, tende a introduzir o impessoal à vida humana, que agora aparece transferida como produto inautêntico e artificial legitimado pelo automatismo da eficácia técnica. Contudo, ainda produzem um bem-estar jamais adquirido em outros tempos, oferecem facilidades que erradicam o esforço humano.

Por essa razão, pode o pensamento de Ortega ser reconstituído à altura de nosso tempo, pois seu alerta é pontual: cabe ao homem restituir à técnica sua condição vital de conhecer a dimensão de sua circunstância como realidade possível, o que determina um saber-fazer, propriedade característica do humano. Talvez por isso, deseja-se que permaneça esta impressão: a razão vital vigora na consci-

4 Nesse ponto, podemos apreciar a intenção de Ortega em restaurar o hiato contestado entre a ciência e a técnica, ou, no limite, entre *homo sapiens* e *homo faber*.

ência do esforço, na minoria qualificada, no caminho perigoso que conduz a salvação da circunstância, na vida que se sabe fazer.

Referências bibliográficas

- Amaral, Márcio Tavares d'. (1992) Filosofia, ciência, história: por que a razão é um problema? *Em: Razão/Desrazão*. Katz, C. S.; Doria, A. (orgs.). Editora Vozes. Brasil.
- Baudrillard, Jean (1985). *À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas*. São Paulo: Editora Brasiliense. Brasil.
- Conill, Jesús (1991). *El enigma del animal fantástico*. Editora Tecnos. Espanha.
- Echeverría, Javier (2000). Sobrenatureza y sociedad de la información: la meditación de la técnica a finales del siglo XX. *Revista de Occidente*. N° 228, v. Mayo. Revista de Occidente. Espanha. (Pp. 19-32).
- Giacoaia, Oswaldo (2007). Nietzsche: fim da metafísica e os pós-modernos. *Em: Metafísica contemporânea*. Almeida, C. L. S.; Oliveira, M. A. (orgs.). Editora Vozes. Brasil.
- Jaguaribe, Hélio; Ortega y Gasset, Jose (1982). Prólogo. *Em: História como sistema: Mirabeau ou o político*. Editora da Universidade de Brasília. Brasil.
- Kujawski, Gilberto de Mello (1988). *A crise do século XX*. Editora Ática. Brasil.
- Liotard, Jean-François (1979). *A condição pós-moderna*. Editora Gradiva. Portugal.
- Mitcham, Carl (2000). La transformación tecnológica de la cultura y la crisis de los deseos. *Revista de Occidente*. N°. 228, v. Mayo. Revista de Occidente. Espanha. (Pp. 33-52).
- Molinuevo, José Luis (2004). *Humanismo y las nuevas tecnologías*. Madrid: Editorial Alianza. Espanha.
- Molinuevo, José Luis (2000). Ortega y la posibilidad de un humanismo tecnológico. *Revista de Occidente*. N°. 228, v. Mayo. Revista de Occidente. Espanha. (Pp. 05-18).
- Ortega y Gasset, Jose (1987). *A rebelião das massas*. Trad. de Marylene Pinto Michael. São Paulo: Editora Martins Fontes. Brasil.
- Ortega y Gasset, Jose (1956). *El tema de nuestro tiempo: ni vitalismo, ni racionalismo; el ocaso de las revoluciones; el sentido histórico de la teoría de Einstein*. (12ª edição). Revista de Occidente. Espanha.
- Ortega y Gasset, Jose (1989). *Em torno a Galileu: esquema das crises*. Editora Vozes. Brasil.

O pensamento de Ortega y Gasset à altura de nosso tempo

- Ortega y Gasset, Jose (1982). **História como sistema**: Mirabeau ou o político. Trad. de Juan A. Gill Sobrinho, Elisabeth Hanna Cortes. Editora da Universidade de Brasília. Brasil.
- Ortega y Gasset, Jose (2009). **Meditação sobre a técnica**. Trad. de Margarida Isaura Almeida Amoedo. Fim de Século. Portugal.
- Ortega y Gasset, Jose; Mariás, Julián; Kujawski, G. M. (1967). **Meditações do Quijote**. Prólogo e comentários de Julián Mariás. Trad. de Gilberto de Mello Kujawski. Livro Ibero-Americano. Brasil.
- Ortega y Gasset, Jose (1973). **O homem e a gente**: inter-comunicação humana (2ª edição). Nota introdutória e tradução de J. Carlos Lisboa. Livro Ibero-Americano. Brasil.
- Ortega y Gasset, Jose (1971). **Que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano. Brasil.
- Quintanilla, Miguel A. (2000). La tecnología como paradigma de acción racional. **Revista de Occidente**. N.º. 228, v. Mayo. Revista de Occidente. Espanha. (Pp.53-74).
- Russ, Jaqueline (1999). **Pensamento ético contemporâneo**. Trad. de Constança Cesar Marcondes. São Paulo: Editora Paulus. Brasil.